



Sociedade das Ciências Antigas

O Homem-Deus

Tratado das
Duas Naturezas

Jean Baptiste Willermoz



Sociedade das Ciências Antigas

O HOMEM DEUS

TRATADO DAS DUAS NATUREZAS

POR

JEAN BAPTISTE WILLERMOZ



TÍTULO ORIGINAL

L'HOMME - DIEU

TRAITÉ DES DEUX NATURES

O HOMEM DEUS

TRATADO DAS DUAS NATUREZAS

Tratado das duas naturezas, divina e humana, reunidas e indivisíveis por toda a eternidade e sendo para sempre um único e mesmo ser na pessoa de Jesus Cristo, Deus e Homem, Redentor dos homens, Soberano Juiz dos vivos e dos mortos, acompanhado de reflexões sobre a conduta de Pilatos e de uma meditação sobre o grande mistério da Cruz.

- 1 -

DA INFIDELIDADE DO HOMEM PRIMITIVO

Vimos, dentro dos primeiros desenvolvimentos da Doutrina, que o homem primitivo havia sido revestido de um grande poder, que o tornava superior a todos os agentes espirituais que foram colocados com ele no espaço criado, para se manifestarem sob sua direção e ação particular temporal. Que inicialmente tinha sido estabelecido como o dominador dos espíritos perversos que estavam ali aprisionados em privação. Que tinha sido colocado ele mesmo ao centro das quatro regiões celestiais do universo criado, para exercer sua potente ação universal, e que ali poderia ser um verdadeiro intelecto do bem para os espíritos perversos, dando-lhes algumas noções deste bem, do qual estavam eternamente separados.

Mas, este infeliz homem tão poderoso, assim fortemente munido contra os ataques e os enganos do seu inimigo, tão superior a tudo o que existia com ele no recinto universal e que não possuía acima de si nada além de seu Criador tendo sido enganado, seduzido, tombado no excesso da desgraça e condenado à morte com aqueles que havia ameaçado, que Ser assim poderoso, suficientemente puro poderia resgatá-lo deste estado, senão Deus Ele mesmo? Mas, esta imagem desfigurada do seu Criador atacou a sua unidade e todas suas potências. Este iníquo delegado, este representante infiel do seu Deus uniu-se, aliou-se com o seu inimigo para trair os mais caros interesses dos quais havia sido encarregado. Ele abusou terrivelmente dos dons, de todos os poderes que havia recebido, e por um excesso inconcebível de ingratidão, insultou de forma insolente o Seu amor e Sua ternura. Foi necessário, portanto, uma grande vítima para satisfazer a Justiça Divina, porque se a Misericórdia de Deus é infinita e sem limite, sua Justiça também o é, e só pode ser refreada por uma reparação proporcional à ofensa. Era necessário, por conseguinte, uma vítima pura e sem mácula, da própria natureza humana do prevaricador e, dado que foi o homem que, pelo seu crime, fez entrar a morte no mundo, era necessário que esta santa vítima se entregasse voluntariamente a uma morte injusta, violenta e ignominiosa para poder reparar tanto ultraje. Era necessário, enfim, que o Justo, pelo seu sacrifício voluntário, se tornasse vencedor do pecado mortal, a fim de que aquilo que a Justiça divina havia proferido como sentença irrevogável contra a raça do prevaricador, não fosse mais do que um sono e uma passagem da vida temporal à vida eterna para todos os que, com seu exemplo, abandonando por toda a duração de sua expiação individual o seu livre arbítrio, a sua vontade própria à única vontade de Deus, merecesse colher os frutos.

Um segundo Adão, emanado do seio de Deus em toda pureza e santidade, sacrificou-se e ofereceu-se como vítima à Justiça Divina para a salvação de seus irmãos; sua devoção foi aceita pela Misericórdia. Imediatamente a Sabedoria incriada, o Verbo de Deus, que é Deus, o Filho único, imagem e esplendor do Pai Todo-Poderoso, ofereceu-se para se unir intimamente e por toda a eternidade à inteligência humana do novo Adão, para fortificá-lo em seu sacrifício, para assegurar, para completar o seu triunfo e torná-lo, por uma ressurreição gloriosa, realmente vencedor da morte.

- 2 -

DA UNIÃO MISTERIOSA DAS DUAS NATUREZAS

É pela união incompreensível da natureza divina à natureza humana, obra-prima do amor infinito de Deus para os homens, que se realiza a grande obra da Redenção do gênero humano e o estabelecimento da religião santa que Lhe ensina a conhecer o verdadeiro culto que deve render á seu Criador, e o único que pode agradar-Lhe. Religião que não podia ser fundada firmemente a não ser pela revelação de um Deus encarnado, conversando familiarmente com os homens, e que Lhes provaria permanentemente durante a duração de sua missão temporal, sua Divindade, a verdade de Seus dogmas, a pureza e a excelência de Sua moral além dos incontestáveis milagres de todos os tipos. Aí estão os dois grandes objetos que, nas intenções de Amor e de Misericórdia de Deus para os homens degradados e corrompidos, tornaram necessária a união das duas naturezas na pessoa de Jesus Cristo.

Esta união íntima, absoluta e eternamente inseparável do Verbo criador de todos os seres com uma pura criatura humana, para poder instruir publicamente, sofrer e morrer nela, é um ato do Amor de Deus para com os homens; tão prodigioso, tão inconcebível e tão extremamente acima de todo entendimento humano, que dos atos revelados à fé cristã, é este o que perdura por todos os tempos e que é ainda o mais incontestável. Os contemporâneos de Jesus Cristo, embora testemunhas diárias de uma multidão de milagres incontestáveis, que operava na frente deles, não viam nele nada mais que um homem, e negaram-lhe sua Divindade. Seus discípulos, mesmo seus apóstolos, embora instruídos por ele e testemunhas dos mesmos prodígios, não creram imediatamente, apenas aos três dias após sua morte, convencidos da verdade de sua ressurreição que ele mesmo havia predito, e recebendo suas instruções durante quarenta dias, vendo-o ascender divinamente ao céu, na sua humanidade glorificada.

-3-

DA NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO DIVINA

Não é de se surpreender que o homem atual, que não admite outro testemunho além daqueles de seus sentidos físicos e materiais, negue ainda para a sua desgraça esta grande verdade. Existem muitos cuja inteligência é menos envolvida, que também o negam ou que reconhecem apenas superficialmente e, antes pelo sentimento de um dever que a instrução sugeriu-lhes que pela persuasão, porque não sentem ainda a necessidade de uma intervenção direta e pessoal da Divindade no ato satisfatório de expiação que o homem deve à Justiça divina. Vendo em Deus e no homem, decaído do seu estado glorioso, os dois pontos extremos da ordem espiritual, supõem nas classes angélicas os agentes espirituais intermediários suficientemente puros e potentes para aproximar o homem de Deus, sem que seja necessário que Deus mesmo se apresente à encarnação. A dúvida e o erro daqueles provêm apenas da ignorância na qual geralmente caem os homens por muito tempo sobre a causa ocasional da criação do universo, sobre as intenções de Deus na emanação e emancipação do homem, sobre seu elevado destino ao centro do espaço criado e, por último, sobre os grandes privilégios, a grande potência e a grande superioridade que Lhe foram dados sobre todos os seres bons e maus que foram colocados com ele. Todas estas coisas os chefes da Igreja Cristã, aos quais o conhecimento era reservado exclusivamente durante os cinco ou seis primeiros séculos do cristianismo, conheceram perfeitamente. Mais instruídos sobre estes pontos importantes, teriam concluído que para reabilitar um ser tão grande, tão potente, era necessário Deus mesmo. Eles, entre outros que também reconheceram a necessidade da grande e santa vítima que se sacrificasse voluntariamente ao sofrimento e à morte para satisfazer à Justiça Divina, porém, reconhecendo ao mesmo tempo que Deus é impassível em todo Seu ser, e que a reparação do crime só seria meritória se fosse realizada por alguém com a mesma pureza e a mesma natureza de quem o cometeu, negaram a Divindade do Redentor.

- 4 -

DA MORTE DE DEUS NA CRUZ

Sim, sem dúvida, Deus é impassível, e nada na natureza divina pode sofrer nem morrer; seria uma grande blasfêmia ousar dizer o contrário. É por isso que os oradores cristãos que se entregam ao púlpito da verdade com um zelo excessivo, através de expressões inoportunas que lhes parecem dar mais energia aos seus pensamentos, gritam frequentemente: “Deus morreu pelos homens!” faltam ao seu objetivo essencial, porque não devem mais esperar persuadir os seus ouvintes quando pretendem fazer-lhes crer o impossível. Mas é Jesus Cristo, que reúne em uma única pessoa e de modo eternamente inseparável, a natureza divina e a natureza humana no seu mais elevado grau de perfeição, o homem puro sofre e morre e quando abandona o seu corpo, e com a sua inteligência humana que se impregna na essência divina ao qual é indivisivelmente unido. A potência do Verbo de Deus que reside em toda sua plenitude em sua santa humanidade e vela por ela, a apóia em seus combates frequentes e mortais, multiplica suas forças, fortifica sua vontade, sua submissão, sua perfeita renúncia, até a consumação de seu sacrifício expiatório, e assegura-lhe o triunfo sobre todas as potências do inferno desencadeadas contra ele, deixando-lhe todas as honras da vitória. E, como prêmio do bom uso que fez de seus próprios meios, e do potente socorro que lhe é dado, é ressuscitado da tumba pelo Verbo, glorificado, divinizado, elevado ao mais alto dos céus, onde é colocado sobre um trono eterno juntamente com ele, a quem se funde, por assim dizer, estabelecido como o Soberano Juiz dos vivos e dos mortos, e o Deus eternamente visível aos anjos e aos homens santificados que reconhece como seus irmãos.

- 5 -

DA IMITAÇÃO DE JESUS CRISTO

As duas naturezas que reconhecemos na pessoa do Divino Reparador Universal são tão unidas, e aparentemente mescladas, que parecem para as pessoas comuns, operar simultaneamente em sua ação geral. Têm, contudo, cada uma a sua própria e distinta ação, que, normalmente, opera separadamente. Isto é, portanto, importante para o verdadeiro cristão, já que uma delas é proposta como modelo, para não confundi-lo e para que aprenda a distingui-las. Este exame pode apenas reafirmar a fé dos que crêem, e pode ser especialmente útil a este grande número de cristãos covardes e despreocupados que, para desculpar sua indolência, não cessam de repetir: “É impossível ao homem imitar a conduta sempre sábia e irrepreensível de um Deus”. Não, sem dúvida, não é possível a um homem tão frágil ser também perfeito. Porém, frágil como é, pode, e deve mesmo esforçar-se sem repouso a imitar, tanto quanto lhe é possível, o homem puro, unido a Deus, que Deus mesmo propõe-lhe como modelo.

- 6 -

DA UNIÃO DO VERBO A JESUS

O Divino Reconciliador dos homens, Desejado das nações, Messias prometido à fé de Abraão, pai dos que crêem predito por um Jacó moribundo a seus filhos, e tão claramente anunciado por um grande número de profetas, que se sucederam uns aos outros por uma longa seqüência de séculos, como nascido de uma virgem da raça de Abraão e da família do rei Davi surge, finalmente, sobre a Terra ao fim do quarto milênio do mundo, ao tempo determinado pela Sabedoria incriada para o cumprimento das grandes intenções de sua divina Misericórdia.

O arcanjo Gabriel é enviado por Deus à pequena cidade de Nazaré à virgem Maria, para anunciar-lhe a gloriosa maternidade pela qual é destinada a cooperar na grande obra da Redenção dos homens. O aparecimento súbito do anjo causa perturbação à alma desta virgem tão pura. Seu pudor alarma-se da maternidade que lhe é anunciada, declarando não conhecer homem algum. Só dá o seu consentimento após se tranquilizar inteiramente sobre os meios, quando o anjo lhe declara que sua maternidade seria obra do próprio Deus, pela operação do seu Espírito Santo, e que sua virgindade continuaria intacta.

No momento mesmo do seu consentimento, começa o cumprimento do grande Mistério; pois no mesmo instante o Verbo de Deus, que é o próprio Deus, a segunda Pessoa e potência da Santa Trindade, pressionado pelo seu ardente amor por suas criaturas humanas, une-se indissolivelmente e para toda eternidade à alma humana, pura e santa de Jesus que, pelo amor por seus irmãos, e para reconciliá-los com Deus, satisfazendo por eles a Justiça Divina, é destinado às ignomínias, aos sofrimentos e a morte. O Verbo todo poderoso de Deus, imagem e esplendor do Pai eterno, desce dos céus para vir se incorporar a alma humana de Jesus, no ventre da bem aventurada Virgem Maria, para serem eternamente unidos em uma mesma e só Pessoa em duas naturezas distintas. É, portanto no momento de seu consentimento que o Homem Deus é formado corporalmente no seio virginal de Maria, de sua pura substância, de seu verdadeiro e puro limo quintessencial da terra virgem de sua mãe. Ele foi formado e composto, como todos os outros homens que vem por algum tempo sobre a Terra, de uma substância tripla, quer dizer, de um espírito puro, inteligente e imortal; de uma alma passiva ou vida passageira; e de um corpo de matéria, porém de uma matéria pura e não conspurcada, que não provem, como os demais seres humanos, da concupiscência dos sentidos, mas unicamente da operação do Espírito Santo, sem a participação de homem algum, nem de algum agente físico da matéria. É através deste prodígio do amor infinito de Deus por sua criatura querida e seduzida, tornado por seu crime para sempre escravo e vítima do Demônio, que se cumpre o inefável e incompreensível mistério da encarnação divina para a redenção dos homens, por Jesus Cristo nosso único Senhor e Mestre que quis, por vontade própria para garantir o resultado final, unir indissolivelmente a natureza humana do prevaricador à sua própria natureza divina.

- 7 -

DA NATUREZA QUATERNÁRIA DE JESUS CRISTO

Reconhecemos que o animal ou a fera é um binário composto de uma alma, ou vida passiva e passageira, e de um corpo de matéria que desaparecem totalmente após a duração que lhes é prescrita; o homem é, durante a sua estada passageira sobre a Terra, um composto ternário formado das duas mesmas substâncias passageiras que acabamos de citar e que o constituem em animal, como fera, e de um espírito inteligente e imortal pelo qual é realmente imagem e semelhança divina. Mas, em Jesus Cristo, homem-Deus e divino, encontra-se, durante a sua vida temporal sobre a Terra, uma composição quaternária que o distingue eminentemente de todas as criaturas, a saber: as três substâncias que acabamos de conhecer no homem temporal, e a substância do próprio Ser de Deus, que se uniu pela eternidade ao ser inteligente e imortal do homem, para formar um ser único, e somente uma Pessoa em duas naturezas.

Aquele que, por esta união tão gloriosa, podia nascer à sua escolha na família mais opulenta, no seio das grandezas, sobre o trono mais incontestável, prefere nascer em um estábulo, em uma família desconhecida e pobre, com uma profissão abjeta, mais exposta aos despeitos e as humilhações, que acompanham geralmente a indigência. E é bem evidente, por isso, que sua entrada no mundo é para ser o modelo e a consolação dos pobres, que quer ao mesmo tempo inspirar o despeito das riquezas e fazer sentir aos que as possuem os grandes perigos aos quais expõem todos os que não fazem o uso prescrito pela sua moral e por seus preceitos.

- 8 -

DOS NOMES DADOS AO MESSIAS

Veremos agora nos santos Evangelhos sob quais nomes o Divino Messias apresentou-se aos homens, como os Evangelistas designam-no e qualificam-no, e como se qualifica Ele mesmo. Nós aqui encontraremos, sob novas designações, um novo fundo de instruções com a confirmação que dizemos de mais elevado sobre este importante tema. Nós o temos chamado, às vezes, Jesus ou o filho do homem. Tanto Deus-Homem ou homem-Deus, enfim o filho ou Jesus Cristo.

Estas diversas denominações aplicadas ao mesmo ser quase podem parecer à primeira vista como sinônimos, mas, não são, porque apresentam sentidos muito diferentes que é necessário não confundir, pois que são relativos às duas naturezas distintas que se encontram unidas no único e mesmo ser. Uma reflexão sobre Suas ações durante a vida temporal, demonstra esta verdade.

Com efeito, vê-se em Jesus apenas o homem puro e santo que tem um sublime destino, abstração feita da Divindade que reside nele, mas que ainda não se manifestou. No filho do homem vê-se apenas a mesma natureza humana. Ele se qualifica assim enquanto quiser esconder aos Judeus e aos Demônios sua Divindade, que se apresenta a eles como um descendente de Adão, pai comum dos homens, e suposto não ser mais do que o filho de José, até que o grande mistério da encarnação seja revelado aos homens. Como Deus, é o homem puro e santo, cuja ação parece predominar a da Divindade que se encobre nele. No Homem é, pelo contrário, a ação divina que se mostra predominante sobre a do homem. No filho de Deus, que é a qualidade essencial que o arcanjo deu-lhe anunciando à Maria a sua encarnação, é a Divindade que se manifesta com esplendor pelo órgão da sua santa humanidade. Enfim, em Jesus Cristo, é o homem-Deus e divino, são as duas naturezas unidas em só um e mesmo ser que operam juntas sob uma forma humana, as ações reunidas que pertencem a elas.

Em geral Jesus, desde o seu nascimento até seu batismo no Jordão, na tentação do Demônio que sofreu no deserto, na sua agonia no Jardim das Oliveiras, em todo curso da sua Paixão e sobre a Cruz, apresenta apenas o homem puro, santo e perfeito, inteiramente sacrificado à Justiça divina e abandonado a ele mesmo, ao seu livre arbítrio. A Divindade que reside essencialmente nele, parece suspender a sua ação para deixar à sua santa humanidade toda honra da vitória corretiva sem, contudo, separar-se só um momento. Realiza-se como espectadora do grande combate, e o apóia durante toda sua duração, pela sua presença. É aí onde o homem-Deus, assim abandonado, é realmente o modelo realizado dos homens.

Mas quando Jesus Cristo, que começa a sua missão com o pedido da sua mãe que lhe é apresentado no banquete do Casamento de Canaã, altera a água em vinho. Quando, no deserto e sobre a montanha, multiplica alguns pães e alguns peixes numa quantidade suficiente para alimentar às vezes 4000 e às vezes 5000 homens extenuados pela necessidade e que permanece em pedaços coletados, após tê-los satisfeito totalmente, com cestos tão cheios quanto havia antes da distribuição. Quando força os demônios a obedecer à suas ordens e abandonar imediatamente os corpos pecadores que possuem; aquele que ordena, como Mestre, ao mar, aos ventos e à tempestade que se acalmem, e que lhe obedecem. Quando faz andar e levantar de seu leito o paralítico que, desde os 38 anos, esperava em vão junto à piscina o socorro de um anjo e a sua cura. Quando revela o fundo dos pensamentos mais secretos da mulher Samaritana e muitos outros; quando reanima a filha de Jairo, o filho único da viúva de Naïm que o levava em terra e, mais particularmente ainda em Lázaro, o querido irmão de Marta e de Maria, que Jesus amava, que depois de quatro dias encerrado no sepulcro e cujo corpo corrompido exalava já uma grande infecção, que, ao seu comando, sai da tumba e caminha diante de todas as testemunhas, ainda tendo o corpo envolto em ataduras. Aquele que operou todas estas coisas e muitas outras tão prodigiosas, quem poderia duvidar que era o Verbo todo poderoso de Deus que falava e comandava toda a natureza pela boca do homem-Deus?

- 9 -

DA VIDA TEMPORAL DE JESUS CRISTO

Tendo, por conseguinte, distinguido nele duas naturezas indivisivelmente reunidas em uma só e mesma pessoa, percorramos rapidamente as principais circunstâncias da sua vida temporal, para completar a nossa instrução.

Jesus criança, adolescente e até à idade de 30 anos, parece ser apenas um homem comum, distinguido

apenas por uma sabedoria acima de sua idade, pela sua docilidade e sua submissão a seus pais. É sujeito a todos os trabalhos, todos os cansaços e todas as necessidades da vida comum.

Ao atingir a idade de 30 anos, época à qual deve começar publicamente a sua missão corretiva e a instrução de seus discípulos, após ter sido batizado no Jordão por João que o reconhece e o proclama como o Messias prometido, sua Divindade é, pela primeira vez, manifestada pela descida do Espírito Santo que vem pousar sobre ele, e pelas incontestáveis palavras do Pai celestial que o proclama altamente como o seu Filho bem-amado “em que colocou toda Suas afeições, e ordena aos homens que o ouçam”. Neste momento, começa a sua missão divina.

Ele retira-se para o deserto para preparar-se como homem, cumprindo em oração um jejum rigoroso durante 40 dias. Após estes 40 dias, prova a fome, necessidade humana que demonstra claramente que era sua pura e única humanidade que se preparava assim rigorosamente para os atos importantes que devia operar.

O momento ou prova desta necessidade física da humanidade é, ao mesmo instante em que o Príncipe dos Demônios surge para tentá-lo em todo seu ser, ou seja, nas necessidades físicas do seu corpo, a vida passiva e passageira deste corpo, e a sua natureza ativa e espiritual, para esclarecer as suspeitas que concebeu sobre a verdadeira natureza de Jesus e para assegurar-se se a Divindade residia ou não residia mais nele, por último se era ou não o Messias prometido; Mistério que a Sabedoria Divina queria esconder do Demônio, para que pudesse realizar-se inteiramente.

É necessário observar com cuidado os três diferentes tipos de ataque que o Demônio executa astuciosamente sobre as três partes constituintes do homem físico. Primeiramente, ataca Jesus na sua forma corporal, relativamente às suas necessidades, dizendo-lhe sobre o cume de uma elevação: “Se é o filho de Deus, ordena que estas pedras tornem-se pães”. Em segundo lugar, após esta inútil tentativa, ele o ataca na sua vida passiva, animal, corporal, dizendo-lhe sobre o cume de uma elevação: “Se és o filho de Deus, precipita-te, você não sofrerá nenhum mal”. Em terceiro lugar, após este segundo ataque no qual é afastado como na primeira, dirige o terceiro, que é mais importante, sobre o ser espiritual de Jesus, dizendo: “Se te prostrares diante de mim e me adorares te darei todos os reinos do mundo que vês, e que me pertencem”.

Este ataque do demônio é ainda o mesmo, e atualmente é por sua forma corporal que ataca o homem. Ele o seduz pelos seus sentidos materiais, pelo amor da vida animal e passageira, e por suas afeições animais e sensíveis. Estas são as portas por onde ele tenta se introduzir para atacar com maior sucesso ao seu ser espiritual.

O homem-Deus susta este ataque pela força de sua pura vontade humana e assim recebe o prêmio pois os anjos virão lhe servir. Sua vitória sobre o Demônio nos lembra a derrota do homem primitivo em ocasião similar. Jesus, segundo Adão, fez o que o primeiro, através de seu livre arbítrio, devia ter feito e não fez. Provamos todos os funestos resultados da queda do primeiro, e todos os salutares efeitos da firme vontade reparadora do segundo.

-10-

DO PRIMEIRO E DO SEGUNDO ADÃO

O primeiro Adão, como imagem e semelhança divina, como representante da Divindade no universo criado, tinha sido dotado de toda força, de todas as virtudes e de todas as potências necessárias para cumprir sua missão. O principal objeto desta missão era de perturbar o príncipe do mal, contê-lo nos limites que a Justiça divina havia prescrito à sua ação perversa, e confiná-lo tanto em seus limites, que seria forçado a reconhecer a sua inferioridade e sua dependência original do Divino Criador de tudo, do qual pretendia ser um igual e de reconhecer ao mesmo tempo a superioridade do homem sobre ele e sobre todos seus sequazes, o que teria destruído o Mal por se arrependem de tê-lo

criado e parido. Este era o grande objetivo da Misericórdia divina sobre os primeiros culpados, que a prevaricação do homem destruiu.

O segundo Adão em Jesus Cristo, como homem puro que não participou de modo algum nesta prevaricação, nem possuindo os vícios da concepção das formas corporais que infectou toda sua posteridade, foi dotado não somente das mesmas forças, virtudes e potências como o primeiro, mas elas foram fortificadas eminentemente pela união íntima e eterna que o Verbo Divino fez de sua natureza pura com a do homem, para assegurar o total sucesso de sua missão corretiva.

- 11 -

DOS SENTIDOS DOS MILAGRES DE JESUS CRISTO

Não pretendemos aqui considerar os fatos específicos da vida pública de Jesus Cristo, a leitura dos santos Evangelhos é suficiente para conhecê-los. Eles não deixam nenhuma dúvida sobre sua Divindade, dado que Ela manifesta-se neles permanentemente, por uma multidão de milagres dos mais incontestáveis.

Devemos, contudo, fazer observar que mesmo operando tantos fatos prodigiosos, que devemos atribuir essencialmente à Divindade que reside nele, quer fazer conhecer a seus discípulos que há uma grande potência inata no homem reconciliado, pela qual pode operar fatos ainda mais prodigiosos quando está unido a Deus por uma fé viva. Porque, vendo seus Apóstolos surpresos de admiração em vista dos milagres incontestáveis que opera, acusa-lhes a sua pouca fé, declarando-lhes que, se tivessem a fé necessária, eles realizariam os mesmos prodígios e outros maiores ainda. O que não teria podido dizer se esta potência não fosse inata na natureza do homem, que nunca foi reconhecida nos anjos que são apenas os ministros da Vontade de Deus, em ocasiões específicas onde os emprega.

- 12 -

DA REVELAÇÃO PROGRESSIVA DE JESUS CRISTO

Surpreendemo-nos ao ler os santos Evangelhos e ver os cuidados e as precauções que Jesus toma para esconder sua Divindade e não mostrar mais além de filho do homem, e procuramos os motivos.

A encarnação do Verbo de Deus unido à natureza humana e o advento temporal do Messias tinha sido claramente predito pelo profeta Isaías e muitos outros, que os homens esperavam que se cumprisse, mas esqueceram que era uma vítima sacrificada voluntariamente a uma morte violenta e ignominiosa, pela qual devia operar a reconciliação do gênero humano. O Demônio não podia ignorar esta promessa, nem as demais, humilhantes para o seu orgulho, que ele devia ter. Ele temia o cumprimento que iria arrancar-lhe tantas vítimas de sua fúria e preservar os demais. Tinha, portanto, o maior interesse em fazer falhar a profecia e impedir a todo custo que o Cristo fosse levado à morte. E, se Jesus desde o princípio, desde o início de sua missão, fosse clara e publicamente se declarado o Filho de Deus provando-o a toda a nação, convencendo-os publicamente por seus milagres que o era realmente, qual seria a potência humana que ousaria e poderia condená-lo à morte? E, não morrendo, o que se tornava então a Redenção prometida por sua morte? Era necessário, portanto, que morresse, que fosse ignorado. Aí está porque o Demônio procurava esclarecer suas dúvidas, suas suspeitas sobre sua dupla natureza, e se o fez perseguir, se o fez em seguida condenar a uma morte ignominiosa, não fez mais do que por uma confusão de sua parte, não considerando Jesus Cristo mais do que um homem puro, cuja doutrina, santidade e potência de suas operações humanas, lhe atraíam uma multidão de partidários.

Mas, como a Divindade de Jesus Cristo era o dogma fundamental da religião santa que viria a estabelecer, e seria a prova da verdade de sua doutrina, era necessário que o dogma de sua Divindade

fosse também declarado e provado por ele mesmo, para operar a convicção de todos os que o Pai celestial Lhe deu, e que devem ser salvos pela fé Nele. Foi, portanto, o que fez. Se, no início de sua missão, pôs alguma reserva às testemunhas que o interrogavam sobre este ponto tão importante, era para nos fazer saber que a Verdade apresenta-se apenas às almas puras, e que pode entrar apenas nos corações dispostos a recebê-la. Aí está porque faz preceder a declaração, a confissão formal de sua Divindade, pelo ensino de sua doutrina que dispunha os espíritos a crer. E, quando multiplicou seus discípulos pelo grande número dos milagres que realizou e pela atração irresistível que lhes inspirava sua doutrina, não dissimulou mais sua Divindade, declarando mesmo na frente de seus mortais inimigos, que tomam ocasião destas confissões para persegui-lo mais violentamente, para jurar sua perda e para fazê-lo condenar à morte. E, é assim mesmo que se tornam, pela sua ignorância e sua malícia, os cegos instrumentos do cumprimento dos decretos divinos para a Redenção dos homens.

- 13 -

CEIA PASCAL

Estando terminado o tempo da missão temporal de Jesus Cristo, prepara-se para voltar ao Pai. Mas, antes quer fazer com seus apóstolos a última Ceia (a Ceia Pascal) a qual desejou com tanto ardor e na qual manifesta ao mesmo tempo o Divino Todo-Poderoso e o amor mais inconcebível de Deus para os homens. Ele quer, deixando-os, residir para sempre com eles e dar-Se Ele mesmo a eles nas duas naturezas, divina e humana, que estão unidas Nele. Pois no sacramento de seu corpo e de seu sangue, verdadeira e inteiramente, dá-Se a eles e a todos os que participarem na fé até o fim do mundo.

A verdade deste augusto sacramento frequentemente foi, e ainda é, violentamente atacada. É o fruto do orgulho que quer raciocinar onde a fraca razão humana deve calar-se, do orgulho que quer apresentar aos sentidos físicos materiais o que pode ser concebido apenas pela inteligência pura, iluminada pela fé. Tenham pena do destino desastroso dos chefes das seitas cujo orgulho fez tanta devastação no campo da verdade. Tenham pena também daqueles que têm adotado como seus mestres os homens que deviam ser-lhes ainda mais suspeitos, que não dissimulam o despeito e o orgulho que os dirigem nos seus desvios. Mas sejam indulgentes e orem para os que, insistindo de boa fé no erro, conservam a fé e o amor para Jesus Cristo. Esperem mesmo, como bem o disse Ele mesmo, aqueles que não perecerão, pois o amor e a fé que conservam Nele os salvarão.

De todas as seitas cristãs que atacaram a verdade deste sacramento, mais inconseqüente e mais culpada é a que não quer admitir que uma simples comemoração da Santa Ceia se baseia nas palavras de Jesus Cristo: “façam isto em memória de mim”. Se tivessem tido um pouco de boa fé no exame a que foram temerariamente autorizados, teriam reconhecido logo que punham Jesus Cristo numa evidente contradição consigo mesmo, porque negam que Jesus Cristo tenha dito em termos formais: “Isto é o meu corpo que é dado por vós. Isto é o meu sangue que é derramado para a remissão dos pecados: tomem e comam, tomem e bebam todos”. Ora, era aos apóstolos, que eram os únicos presentes na Ceia, que foi dado comer o verdadeiro corpo e beber o verdadeiro sangue? Que nos digam, portanto onde esta interpretação é provada. Ele disse noutra lugar: “A minha carne é verdadeiramente um alimento, o meu sangue é realmente uma bebida: quem come a minha carne e bebe o meu sangue reside em Mim e Eu nele”. E, contudo, se os apóstolos, como únicos presentes em realidade, são os únicos que podem comer a sua carne e beber o seu sangue, e que não seja para nós mais que uma simples comemoração desta realidade, todos os homens, excluindo os apóstolos, devem, por conseguinte renunciar a ter Jesus Cristo residindo neles, e residir Nele por esta preocupação real que lhes seria de todo impossível. Isto é concebível? Poderemos crer de boa fé que Ele quis fazer promessas tão consoladoras, para enganá-los em sua espera pela impossibilidade ou na expectativa de ver o cumprimento? Mais ainda diz em outro lugar: “Se não comes a carne do filho do homem e se não bebes o seu sangue, não terás a vida em vós, não terás parte comigo”: aí está, por conseguinte uma maldição eterna, formalmente pronunciada contra os que não comerem a sua carne e não beberem o seu sangue. E qual! Este Deus cheio de amor e misericórdia para

comigo, que quer sofrer e morrer na sua carne por mim, entregar-me-ia a uma condenação eterna por não ter feito isto e não me teria deixado nenhum meio para fazer? É um excesso de delírio inconcebível de imaginá-lo. E, contudo, se não estabeleceu entre os homens sucessores de seus apóstolos, um meio para perpetuar a consagração real do pão no seu corpo e do vinho no seu sangue como o fez Ele mesmo em sua presença, inevitavelmente, por isso mesmo, sou condenado à maldição eterna, porque nunca a comemoração de um ato tão augusto, tão importante, que estes sectários amoldam à sua realidade, poderá substituir a preocupação real que Ele tão expressamente recomendou. O erro destes homens orgulhosos tende, por conseguinte, evidentemente a tornar o homem eternamente infeliz pela injustiça de Deus, que teria exigido dele o impossível.

- 14 -

DAS TRÊS PROSTERNAÇÕES NO JARDIM DAS OLIVEIRAS

Após a Ceia mais memorável, na qual o Amor e sua Todo-poderosa divindade são manifestas com tanto fulgor na pessoa de Jesus Cristo, em que concluiu a instrução de seus apóstolos por este discurso sublime onde lhes revelou mais claramente, como ainda não o tinha feito, sua própria divindade oculta em sua humanidade, os sofrimentos, as ignomínias e a morte à qual iria ser entregue pela traição de um entre eles, a sua ressurreição gloriosa três dias depois, as grandes esperanças que deviam conceber e, por último, a perfeita e eterna glorificação de sua humanidade; seguiu até o Jardim das Oliveiras. Seguiu nesta agonia mortal durante a qual fez a totalidade do sacrifício reparador da sua vontade humana, que devia preceder o sacrifício da sua própria vida, pela morte que sofrerá no dia seguinte.

É lá que vamos reencontrar Jesus solitário, parecendo abandonado pelo Céu e pela Terra, abandonado por seus discípulos amados que acabava de nomear seus amigos, que estavam entregues a uma profunda sonolência quando tinha a maior necessidade dos seus socorros, das consolações da sua amizade. Quando reclama com uma ternura tão tocante, confessando-lhes que a sua alma está tomada de uma profunda aflição e que sentia uma tristeza mortal, é lá que vamos reencontrá-lo sozinho, abandonado ao seu livre arbítrio, somente à vontade de homem puro que não cessa jamais, no entanto, de ser unido intimamente ao Verbo Divino que reside nele, que fortifica a sua humanidade, mas cuja ação parece suspensa durante o terrível combate a que irá entregar-se, para deixar ao homem-Deus a honra e os frutos do triunfo.

Jesus Cristo, estando prostrado na terra para orar a seu Pai, vê-se a vítima sacrificada, e vem oferecer-se para consumir este sacrifício. Mas sua presciência divina mostra à sua humanidade de quantas dores, humilhações, ignomínias, a sua morte deve ser precedida. A sua humanidade aflige-se, assusta-se, e grita: “O meu Pai, tudo vos é possível, faça que isto passe distante de mim”. Aí está o grito de aversão, tão natural ao homem para os sofrimentos e para a morte. Mas a submissão, a renúncia de homem puro que retoma prontamente, então grita de novo: “Que seja, no entanto não o que desejo, mas o que Tu desejas”. Ele se levanta para ir ter com seus discípulos que encontra adormecidos perto dele. Ele vem prosternar-se uma segunda vez, tomado da mesma tristeza, provando a mesma aversão, formando o mesmo pedido, mas submetendo do mesmo modo a sua vontade a vontade de Deus. Ele volta para seus discípulos que encontra no mesmo estado, e retornando para prostrar-se uma terceira vez, faz a mesma oração, forma o mesmo desejo e submete-se com a mesma resignação. Suas forças humanas estão esgotadas por tão grandes esforços, um suor de sangue cobre o seu corpo e escorre até a terra, mas o sacrifício da sua vontade, desta vontade tão ativa, tão potente no homem puro é aceita; e um anjo é-lhe enviado para consolá-lo, para fortificá-lo.

Esta descida do anjo, este socorro celestial que lhe é enviado prova mais evidentemente ainda neste terrível combate, que a humanidade agia sozinha para suportar o peso, e que a potência divina de Jesus Cristo estava então como separada.

Era-lhe necessário ser assim, e isto não podia ser diferente. O homem primitivo, o primeiro Adão, que tendo traído e invertido pelo abuso da sua liberdade, pelo mau uso que fez da sua vontade e de todas suas faculdades, todas as intenções da Misericórdia sobre o primeiro culpado, tinha provocado contra ele mesmo os rigores da Justiça Divina. Este abuso da sua liberdade e da sua vontade só poderia, portanto, ser reparado por um ser da mesma hierarquia, da mesma natureza, unicamente por um homem puro, aceito como vítima, e onde a perfeita submissão poderia aliviar e satisfazer a Justiça divina. A união do Verbo Divino com este homem puro era para assegurar o sucesso do sacrifício, sem diminuir de modo algum o mérito de vontade da vítima que o fazia, assegurando, ao mesmo tempo, o perdão e a graça do gênero humano. Assim, não duvidamos que em tudo o que se passa no Jardim das Oliveiras, é o homem sozinho que desejou o que Deus queria dele e que se submeteu, pois o sabemos bastante, Deus é impassível e não pode nem sofrer, nem morrer.

Mas antes de deixar o Jardim das Oliveiras, consideremos as circunstâncias dignas da maior das atenções para a instrução do homem.

O homem primitivo, o primeiro Adão, tinha prevaricado e cometido o seu crime pelo abuso de suas três faculdades intelectuais: do Pensamento, da Vontade e da Ação. Tinha insultado o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que juntos são um só Deus. Era, pois, necessário que o segundo Adão, que o homem-Deus, reparasse estes mesmos insultos pelas mesmas vias e nas mesmas proporções. É o que explica porque o homem-Deus Reparador faz três prostrações diferentes com as mesmas angústias, fazendo a mesma oração e mostrando sempre a mesma resignação, e é também porque o sacrifício da sua vontade é aceita apenas após o terceiro, e que é apenas quando recebe o testemunho pelo anjo que lhe é enviado, para consolá-lo e fortificá-lo.

- 15 -

DA PAIXÃO

Assim que o homem-Deus consumiu o sacrifício da sua vontade, retomou a calma e a serenidade do homem puro, que se submeteu à vontade de Deus. É com esta calma da alma que ele vai reencontrar seus discípulos, que os convida a descansar, e que vai diante dos que, conduzidos pelo traidor Judas, vêm prendê-lo. Continua o homem puro e é agindo livre e voluntariamente que se apresenta durante o resto de sua Paixão. Contudo aqui, sua Divindade manifesta-se por um instante, fazendo recuar e cair por terra os soldados que vieram prendê-lo, quando, após lhes perguntar: “A quem procuram?”, responde-lhes: “Sou eu”. A força divina desta palavra lhes arrebatou, espanta e os faz cair, mas Ele os tranquiliza, porque quer sofrer e morrer.

Esta circunstância ocorreu apenas para nos fazer saber que se o quisesse, teria podido escapar-lhes então, como o fez outras vezes. Mas, tendo chegado a sua hora, não se opõe mais, e entrega-se voluntariamente.

Não seguiremos mais todas as outras circunstâncias de Sua Paixão, nem o suplicio da Cruz que o fez sofrer. Os Evangelistas as descreveram, e é suficiente que os leiamos para admirar, a cada momento, sua paciência e sua perfeita submissão. A vítima sacrificou-se sem reservas, todo o resto de sua Paixão é apenas a consequência do seu sacrifício. O vemos sobre a Cruz, como no Jardim das Oliveiras, sempre o homem puro, fortificado até ao fim pela sua união com o Verbo mas, agora deixado à sua própria vontade, para que possa merecer por ela até a consumação do sacrifício, a glorificação que esta consumação assegura à sua santa humanidade. Ele não quer que possamos duvidar deste abandono, dado que antes de expirar, grita penosamente: “Ó meu Pai, ó meu Pai, porque me abandonaste?” Contudo, como também não quer que pensemos que sobre a Cruz, como anteriormente, sua Divindade esteja separada de sua humanidade, manifestou novamente sua Divindade prometendo, para no mesmo dia, um lugar no Paraíso com Ele ao criminoso que se arrependeu e que foi crucificado a seu lado. Qual outro que não o Deus único, poderia fazer esta promessa?

Estando consumado o grande trabalho de redenção do gênero humano, o homem-Deus expira sobre a Cruz. Ao mesmo tempo, a natureza inteira parece perturbada, prodígios irrompem por toda parte e de maneira tão impressionante e tão geral, que um filósofo pagão que o observa em sua região exclama: “O autor da natureza sofre neste momento, ou o universo inteiro está se dissolvendo”.

- 16 -

PILATOS, TIPO DA COVARDIA

Entre as causas secundárias que contribuíram para o cumprimento do decreto divino de redenção dos homens pela morte de Jesus Cristo, a principal é, indiscutivelmente, a conduta criminosa, iníqua e revoltante de Pôncio Pilatos, governador da Judéia para os Romanos. Merece de nossa parte a mais séria atenção, menos pelas grandes conseqüências que resultaram então, posto que faziam parte das intenções do Amor Infinito para com os homens, que devido ao exemplo escandaloso que deixou a este grande número de cristãos fracos e hipócritas que, diariamente, quase por hábito, como sem remorsos, se tornam frouxamente seus imitadores.

Pilatos, coberto da autoridade do príncipe que representava, encarregado de fazer justiça que devia a todos, após ter ouvido as queixas e as acusações que lhe dirigiam tumultuosamente os sacerdotes e os chefes da nação judaica contra o homem-Deus, e que pediam sua morte com um tom ácido e irritadiço que detectava o seu verdadeiro motivo, e que não permitia a juiz algum duvidar que fosse unicamente por ódio e ciúme que solicitavam tão ardentemente sua condenação. Após ter ouvido as testemunhas subornadas, cujos testemunhos reconheceu como vagos e demasiado insignificantes, e que após haver interrogado várias vezes ao homem-Deus admira a sabedoria de sua conduta, de suas respostas, o seu próprio silêncio, quando não crê mais que deva responder a certas perguntas, declara-o inocente das acusações sacadas contra ele. E, contudo, por uma inconseqüência inconcebível, crendo sem dúvida acalmar, pela sua covarde complacência, a fúria de seus inimigos, condena-o a ignominiosa flagelação, que se prestava em certos casos a punição dos escravos. Mas esta condenação não poderia satisfazer a justiça, pois que Jesus, que ele julgava inocente, não era um escravo, nem o ódio de seus inimigos que exigiam sua morte, não foi mais do que um meio covarde e violento empregado, por um juiz iníquo, que queria transigir com sua consciência.

Após esta flagelação sanguinária, Pilatos apresenta Jesus a seus inimigos dizendo: “Ecce Homo”, crendo acalmar seu ódio pelo triste espetáculo que oferece a seus olhos. Mas ele se engana, pois eles exigem ainda mais a sua morte. Pilatos, que deseja salvá-lo, se recorda que deve a nação, no tempo da Páscoa, a libertação de um prisioneiro, e propões ao povo reunido a libertação de Jesus. Porém os sacerdotes e os chefes excitam a população a pedir por Barrabás, e que peçam a crucificação de Jesus. Eles o ameaçam com a desgraça de César se persistir, se recusar a aceitar seus pedidos. Pilatos, assustado como todos os ambiciosos nestes casos, pelo cumprimento das ameaças, cede a suas instâncias, mesmo que convencido da inocência de Jesus. E, desprezando a advertência que recebe de sua mulher que lhe pede para não tomar parte na perseguição de um justo, revelando-lhe que estava atormentada por um sonho que tivera sobre isto na noite anterior.

Ele pede água para lavar as mãos e se declara inocente de sua morte. Após esta ridícula demonstração de equidade, ele o condena e o envia aos Juizes para a crucificação. Seus soldados o levam imediatamente ao Calvário. Ele é crucificado e algumas horas depois, expira sobre a Cruz.

Cristãos equivocados, escravos covardes do respeito humano que não dão a mínima para os vossos primeiros deveres para com Deus e a religião santa que dizem professar, que os sacrificam sem cessar ao desejo de agradar ao mundo e aos que seguem as máximas, que se envergonham dos preceitos, dos conselhos, das máximas do Evangelho e negligenciam mesmo em conhecê-lo, estudá-lo, vos considerando mais livres na vossa ignorância e mais rigorosamente sujeitados ao dever pô-lo na prática: vêem em Pilatos o quadro verdadeiro da vossa condução habitual, as más disposições do

vosso coração, a vergonha de vós mesmos, se ainda não totalmente depravados.

Defendidos, durante os primeiros tempos da vossa vida pelos príncipes da educação cristã que vos recebeu, lutastes durante algum tempo contra a torrente de incredulidade que inunda o mundo, adulando-os talvez para resistir sempre. Mas, cedo as vossas paixões despertaram: a ambição, o amor de uma glória vã e das honras momentâneas que podem, às vezes, procurar, apoderaram-se de vós.

A sociedade dos meio sábios, quase todos infectados do veneno da incredulidade, tornou-se por gosto e por escolha a vossa, e sua doutrina ímpia e perigosa determinou a vossa derrota. Se não ousa ainda renunciar abertamente aos atos públicos do cristianismo, entrega-se o mais raramente possível e sempre examinando com cuidado qual grau de consideração poderá adquirir ou conservar com a companhia mais ou menos recomendável ao qual se associa, por estes atos. Porque não é mais a Deus apenas os vossos pensamentos e as vossas ações, é ao mundo somente, e age apenas maquinalmente e por um resto de hábito em vossos atos religiosos.

Hipócrita é, portanto, a promessa que fizeste a Deus no vosso batismo, ou que foi feita então, em vosso nome e que ratificastes vós mesmo? Podeis bem fazer-vos iludir, mas podeis enganar aquele que é a própria Luz e a Verdade, que sonda os corações e lê os pensamentos mais secretos? Ele vos pede um culto puro e sincero no qual todas as potências e faculdades do vosso ser devem participar. Ele quer ser adorado em espírito e verdade, e vós quereis responder-Lhe através de ridículas afetações. Ah! Tremam e temam que realize contra vós a ameaça terrível que Ele fez a um vosso semelhante: "todo aquele que, declarar-se contra mim diante dos homens, declarar-me-ei contra ele diante de meu Pai que está no céu". Peçam, portanto, do fundo do coração, afim de que as reflexões que vos são apresentadas aqui germinem em vós, e vos façam tomar firmes resoluções contra o maldito respeito humano que vos perderia infalivelmente.

Reconhecemos firmemente e invariavelmente a união íntima, perfeita e jamais indivisível que foi realizada em Jesus Cristo desde o momento de sua concepção no ventre da Virgem Maria, da natureza divina incriada com a natureza humana criada. E, se o que dissemos sobre isso deixou a menor dúvida sobre a nossa firme crença, atribuam apenas pelo uso de algumas expressões mal escolhidas ou mal interpretadas.

Após ter considerado a excelência original do homem primitivo, seu elevado destino, a grande potência e autoridade das quais foi coberto para poder realizar os desejos do Amor e da Misericórdia Divinas em prol dos primeiros culpados, e que temos visto seguidamente tornar todos estes poderes meio inúteis por sua prevaricação, reconhecemos a necessidade da união das duas naturezas em Jesus Cristo, para tornar infalível o sucesso da reparação universal da qual fora encarregado. União necessária para torná-lo invencível na consumação do sacrifício que tinha de fazer, apresentando-se voluntariamente à fúria de seus inimigos, aos insultos, às humilhações mais retumbantes e à morte mais ignominiosa, sem diminuir o mérito da vontade humana que consentia a sacrificar-se. Também reconhecemos que as duas naturezas, embora sempre unidas em Jesus Cristo, contudo opera cada uma distintamente, sem confusão e às vezes ambas unidas, a sua ação específica, de acordo com o caso e as circunstâncias. Por último, reconhecemos que, embora as duas naturezas sempre sejam unidas e existentes em Jesus Cristo sem que possa fazer-se nenhuma separação real, a ação de sua Divindade mostrou-se como suspensa nele e, em certa medida separada, em algumas circunstâncias de sua vida temporal. Vimos esta suspensão especialmente marcada durante a tentação que provou no deserto, após um jejum de 40 dias. Pareceu-nos ainda mais impressionante durante a angústia, a tristeza mortal da qual foi tomado no Jardim das Oliveiras e na noite da Paixão, até a sua morte sobre a Cruz. Foi nestes terríveis combates que pareceu inteiramente abandonado a si mesmo, ao seu livre árbitro, à sua própria vontade de homem, fortificada nele pela presença do Verbo, que deixa-lhe, até o fim do combate, o mérito da vitória sobre a morte, e do completo triunfo sobre as potências do inferno enviadas contra ele.

SUBLIMES TRABALHOS DE AMOR DE JESUS CRISTO

Mas, Jesus Cristo estando morto, porém vitorioso, retoma imediatamente os direitos de união inalterável entre a natureza divina e a natureza humana glorificadas em sua pessoa. A sua alma pura e santificada, unida ao Verbo todo poderoso desce aos infernos, lugar de horríveis privações, lugar onde a multidão dos homens precedentes, extraviados pela sedução do Príncipe do mundo que lhes fez realizar crimes sobre crimes, gemia sob a mais terrível tirania. É a estes infelizes oprimidos que leva os primeiros socorros da redenção geral do gênero humano. Ele vai a estes lugares tenebrosos, acorrentar para sempre a potência que pretendia ser o seu igual, e para provar-lhe a sua inferioridade e a sua dependência, arranca-lhe as vítimas de sua malícia contra o homem e da sua fúria contra Deus. Dá a estas infelizes vítimas a liberdade de usar ainda contra esta potência a vontade que havia ligado à sua, e de poder colher ainda o fruto da redenção.

Depois disto, vai purificar os círculos de expiação e de purificação, lugares onde os homens menos culpados, que tivessem conhecido e adorado um Deus criador de todas as coisas, expiavam penosamente seus extravios temporais e sofriam a penalidade devida à prevaricação do seu pai temporal, e de sua posteridade. Consola-os, fortifica-os mostrando-se a eles vencedor do seu inimigo, e mostrando-lhes um termo às suas penalidades das quais abrevia a duração.

Ele vai, por último, mostrar-se aos patriarcas e justos que tinham esperado sobre a terra com fé e esperança o dia que vinha brilhar diante deles, este dia feliz que Abraão, pleno de fé, viu e desejou com ardor. Consola-os de uma tão longa espera, e para recompensar a sua fé, quebra as barreiras destes lugares de cativeiro que nomeamos Limbos e os conduz, em triunfo, como perfeitamente reconciliados aos lugares de descanso e de beatitude temporal, onde todos os felizes reconciliados esperarão em paz o fim dos tempos, para ir seguidamente juntos, como abençoados do Pai, gozar eternamente a sua santificação, acima do espaço criado, nesta feliz imensidade, cujo sangue de Jesus Cristo abriu-lhes a entrada.

É a estes grandes e sublimes trabalhos do Amor e da Misericórdia divinas que Jesus Cristo, vencedor da morte e de Satã, empregou durante os três dias da sua sepultura, estes três dias que o resto ignora e foram invisíveis a todos os homens da terra.

DA RESSURREIÇÃO E DOS CORPOS GLORIOSOS

Porém, mal o terceiro dia é começado, ressuscita gloriosamente do túmulo pela sua pura potência divina, e começa a mostrar-se aos que o amaram o mais ternamente possível, sob uma nova forma corporal, em tudo semelhante à que havia tido entre os homens, mas glorioso e impassível, da qual se reveste, e que faz também desaparecer à sua vontade. É com esta mesma forma gloriosa que após ter conversado, caminhado, comido com seus discípulos durante quarenta dias, que lhes aparece e desaparecendo tão de repente diante deles quando quer, após ter-lhes recomendado que batizassem em seu nome, de ensinar aos homens o mistério inefável da Trindade divina do Pai, do Filho e do Espírito Santo, formando um só Deus, que ascende gloriosamente aos céus em sua presença, onde será eternamente o Deus, tornado visível aos anjos e aos homens santificados, nesta forma humana glorificada.

Mas qual é, a natureza desta nova forma corporal, qual a diferença essencial desta sobre a primeira?, Perguntarão estes homens carnis e materiais que não vêem nada a não ser através dos olhos da matéria, e os que são bastante infelizes para negar a espiritualidade de seu ser, e aqueles também que, unidos exclusivamente no sentido literal das tradições religiosas, não querem ver na forma corporal do homem primitivo antes da sua queda, mais do que o corpo de matéria com o qual está

atualmente revestido, nele reconhecendo apenas uma matéria mais depurada. É Jesus Cristo mesmo que vai provar-lhes a diferença essencial destas duas formas corporais e sua destinação, revestindo-se de um após a sua ressurreição, após ter destruído a outro no túmulo.

Jesus, homem-Deus, querendo tornar-se em tudo semelhante ao homem real, para poder se oferecer como um modelo que pudesse imitar em tudo, apresentou-se nascendo revestido de uma forma material perfeitamente semelhante à do homem punido e degradado. Difere, contudo, no único ponto em que a forma material do homem concebido pela concupiscência da carne é corruptível, ao passo que a forma material de Jesus, concebida pela única operação do Santo-Espírito e sem nenhuma participação dos sentidos materiais, é incorruptível. Mas, Jesus Cristo deposita no túmulo os elementos da matéria, e ressuscita numa forma gloriosa que não é mais do que a aparência de matéria, que não conserva mais os Princípios elementares, e que não é mais do que um envelope imaterial do ser essencial que quer manifestar a sua ação espiritual e tornar-se visível aos homens revestidos de matéria. Se alguém pudesse ainda duvidar desta importante verdade, que reflita seriamente sobre as surpreendentes aparições sob formas humanas do arcanjo Gabriel a Maria e Zacarias, pai de João Batista, sobre as dos anjos enviados a Abraão para predizer-lhe o nascimento de Isaac e da punição de Sodoma, do anjo condutor do jovem Tobias, e um grande número de outros aparecimentos semelhantes dos espíritos puros, dos quais a forma corporal foi reintegrada em si e desapareceu tão logo a sua missão específica estava terminada. Provam todos a mesma verdade. Jesus Cristo ressuscitado, reveste-se desta forma gloriosa cada vez que quer manifestar a sua presença real a seus apóstolos, para fazer-lhes conhecer que é desta mesma forma, ou seja, de uma forma perfeitamente semelhante e tendo as mesmas propriedades, que o homem estava revestido antes de sua prevaricação. E, para ensinar-lhes que deviam aspirar a ser revestidos outra vez após a sua perfeita reconciliação, no fim dos tempos. Será lá, com efeito, que será a ressurreição gloriosa dos corpos, que serão, ao mesmo tempo, alterados pelos homens reconciliados, bem como o expressou São Paulo mas, que não serão alterados pelos rejeitados. É esta, enfim, a ressurreição gloriosa, por cuja ingestão real do corpo e o sangue de Jesus Cristo traz a todos, que participam dignamente, o germe frutificador.

- 19 -

DO HOMEM DECAÍDO E DO SACRIFÍCIO DA SUA VONTADE

Todo homem, instruído da excelência original do homem primitivo, de seu elevado e sublime destino no universo criado, das grandes virtudes, potência e autoridade das quais foi revestido para preenchê-lo, não pode dissimular, vendo o homem atual desvestido de toda sua glória, caído na depreciação, infeliz e tornado escravo do implacável inimigo do qual tinha sido estabelecido como dominador, sujeito a um estado de severa punição, justa e merecida; que pelo orgulho, comete diária e permanentemente novas infrações; que abusa enormemente da sua potência, da sua vontade e de todas suas faculdades intelectuais que o separaram de Deus; que se vincula pela sua escolha ao Mal, e que tornou-se incapaz de se aproximar por si mesmo do Bem, e que continuaria a ser eternamente separado do seu Deus, se o Amor infinito do Criador para a sua criatura amada não destruísse esta barreira de eterna separação pela Sua encarnação num corpo de homem, do qual quis revestir-se para poder sofrer e morrer neste corpo, e expiar assim pelo culpado tudo o que devia à Justiça.

Mas, para que o homem possa individualmente colher os frutos da redenção do gênero humano, e apropriar-se plenamente da parte que lhe é destinada, é necessário que contribua, por meio de todos os esforços dos quais é capaz, para adquiri-la; como foi pelo abuso da sua vontade que se tornou culpado e mereceu a punição, somente pelo melhor e constante bom uso da sua vontade que pode reparar a sua falta. É necessário, portanto, que incessantemente, e em todas as oportunidades faça e renove do fundo do coração o sacrifício da sua própria vontade, desta vontade do velho homem que permaneceu para a sua desgraça. É necessário que adquira o feliz hábito de uma inteira abnegação e de sua mais perfeita renúncia à de Deus, que se fará sempre conhecer totalmente quando a sua renúncia for sincera. Sentimos tanto a importância que pedimo-lo todos os dias a Deus na oração

que ele mesmo nos ensinou, mas convêm de boa fé que façamo-lo freqüentemente por hábito e sem muita reflexão. Neste caso, que pode produzir?

O sacrifício da vontade própria e a inteira abnegação de si mesmo são tão necessários ao homem, que ele não deve esperar a sua perfeita reabilitação enquanto este sacrifício não for realizado, completo e aceito pela Justiça. A vida inteira lhe é dada para aprender a fazê-lo, mas freqüentemente e quase sempre chega ao seu termo antes de efetivamente tê-lo começado, e permanece lamentando-o. Mas, a divina Misericórdia, sempre ativa em seu favor, sem contrariar os direitos da Justiça, vem ao seu socorro. Atribui-lhe uma segunda vida que será prolongada de acordo com suas necessidades. Criou para ele um lugar de sofrimentos expiatórios, de diferentes graus, e de privação purificatória, no qual poderá realizar a sua obra, e merecer a sua perfeita reconciliação. Porque é lá que sofrendo tanto e por todo o tempo que exige a Justiça, mas, feliz por uma firme esperança, pagará a sua dívida até o último óbolo.

Cristãos, não se iludam! Independentemente de quaisquer opiniões sobre o estado das almas justas que deixam este mundo, não esqueçam jamais que nada impuro pode entrar no Céu, e aquele que leva consigo a menor mancha, não pode habitar com o que é a própria pureza e santidade. Sejam, portanto, cheios de amor e reconhecimento para este Deus bom que, conhecendo a vossa fraqueza, estabeleceu para vós meios expiatórios e de purificação satisfatórios.

O preceito de uma total submissão à vontade de Deus e uma perfeita renúncia de si mesmo é tão absoluto, e a sua constante execução é, ao mesmo tempo, tão difícil, que nosso Divino Senhor e único Mestre Jesus Cristo veio à Terra para ensinar-nos, tanto pelo seu exemplo quanto por suas instruções. Qual maior exemplo podia deixar-nos do que o seu consentimento três vezes repetido no Jardim das Oliveiras, de morrer ignominiosamente sobre uma Cruz, apesar da aversão extrema que a sua humanidade assustada acabava de manifestar? Ó homens, que lição! Meditemos sobre ela dia e noite e nunca a percamos de vista.

- 2 0 -

OS MISTÉRIOS DA CRUZ

Mas, antes de terminar, paremos ainda alguns instantes para meditar sobre o grande mistério da Cruz, que estava predestinada a ser o instrumento de suplício do homem-Deus e da grande obra da reconciliação universal. Esta meditação nos fornecerá uma nova oportunidade de admirar o caminho e as vias da divina Providência, que dispõe à sua vontade dos acontecimentos na ordem temporal e política para chegar a seus fins.

Todas as grandes nações dirigem-se geralmente, enquanto forem livres, nos seus negócios específicos pelas leis, regras e costumes que adotaram. A lei Mosaica era ainda, na época, literalmente observada pelos Judeus, e os dirigiam em tudo o que se referia à religião, culto e governo interno. Desde que caíram sob a dominação dos Romanos, e que a Judéia era apenas mais uma província romana, foram sujeitos às leis romanas. A Lei de Moisés condenava à lapidação (apedrejamento) quem se tornasse culpado de crime contra a religião. Jesus, acusado a ter-se feito igual a Deus na frente de um tribunal, que queria ver nele apenas um homem comum, apesar dos milagres mais impressionantes teria sido, portanto, condenado a ser lapidado. Contudo, as profecias haviam predito que o Cristo seria morto por um outro tipo de suplício. Ele mesmo havia indicado o que lhe era destinado, dizendo que após ter sido elevado da terra, a exemplo da serpente de bronze de Moisés, “atrairia tudo a si”. Por outro lado o Grande Conselho sacerdotal, que era para os Judeus o Tribunal supremo da nação, composto do Grande Sacerdote e dos Chefes das famílias sacerdotais, de doutores da lei, escribas e fariseus, tinha perdido o direito de vida e de morte sobre o povo. Este direito foi atribuído aos Romanos, para os quais o costume era condenar à crucificação os malfeitores e os escravos rebeldes. Seria necessário, portanto uma grande revolução na ordem política dos acontecimentos temporais para fazer substituir o suplício da cruz, que estava nas

intenções da Providência, pelo de ser lapidado. É mesmo notável que os Judeus muito contribuíram, dado que quando Pilatos, que não pode chegar a libertar Jesus, devolveu-o para ser julgado, de acordo com as suas próprias leis, recusaram-se e pediram em altos brados para Ele ser crucificado.

- 21 -

DO HOMEM PRIMITIVO

O homem primitivo, o primeiro Adão emanado de Deus em toda santidade, emancipado no espaço universal e revestido de uma forma corporal gloriosa e não passiva, foi posto ao centro das quatro regiões celestiais que foi designado como o “paraíso terrestre”. Embora muito afastado de qualquer parte da Terra. Estabelecido o homem-Deus da Terra para representar o Criador, este centro quaternário foi quartel-general da sua correspondência com os seres espirituais “bons”, colocados com ele no espaço criado e encarregados de manter a ordem em todas as suas partes. Foi também o lugar da sua dominação sobre os espíritos rebeldes, onde era responsável de molestar em tudo e de conter incessantemente a sua ação perversa. É neste centro universal do espaço criado que o homem utilizava a sua vontade, mas sempre conforme a vontade do Criador e às regras por Ele prescritas. O Verbo criador, de formas puras e gloriosas semelhantes a sua, chamadas junto dele sucessivamente e até o fim dos tempos atribuídos pela Justiça e pela Misericórdia divina, todos os outros seres da sua classe, destinada “a lhe ajudar” e a concorrer todos juntos ao cumprimento desta grande obra. O homem, por conseguinte, teria tido a glória de cooperar, por sua vontade, na emancipação de cada inteligência humana que Deus comprometia-se com ele de enviar, para habitar o templo ou a forma gloriosa que a Sua vontade destinava-lhe.

Recebendo, nas primeiras operações que realizou em presença e por ordem do Criador, provas incontestáveis da potência da qual era recebido e que acabava de manifestar, foi entregue ao seu próprio arbítrio para o mais importante que lhe restava fazer. Deslumbrado desta grande potência glorificou-se. Ele esqueceu que o devia ao amor e à liberalidade do seu Criador à quem pertencia, e que era apenas o depositário para a execução de Suas intenções. Ele se fechou neste pensamento orgulhoso que foi conhecido e apreendido pelo chefe demoníaco. Esta desordem na sua faculdade pensante tornou-se cedo um sono perigoso para a sua inteligência que se tornou a vítima. O seu astucioso inimigo exaltou o seu orgulho, seduziu-o, fez-lhe esquecer seus juramentos e promessas para com o Criador, apreendeu-se da sua vontade, e o colocou na revolta.

O homem, tornado culpado, imediatamente foi retirado deste centro puro e santificado, que acabava de sujar. Foi precipitado sobre a Terra e condenado a vir rastejar sobre a sua superfície numa forma material e imperfeita, da qual acabava de criar o modelo, e à qual sujeitou, por uma seqüência necessária, toda a sua posteridade. Apavorado com o resultado da sua iníqua operação, reconheceu e confessou o seu crime. Seu arrependimento mereceu-lhe a promessa de um libertador cuja mediação obteria o seu perdão, o que foi provado, felizmente, pela mediação do Divino Redentor e pelo seu sacrifício sobre a Cruz.

- 22 -

A CRUZ, EMBLEMA UNIVERSAL

A Cruz se apresenta à inteligência, em seu todo e em suas partes, como um grande emblema universal, principalmente na circunstância da qual ocupamo-nos. Pela sua parte inferior, que é prolongada, parece fixada no centro da Terra. Terra suja de tantas abominações, que nem todas as águas do dilúvio puderam apagar e que apenas o sangue de uma grande e pura vítima poderia purificar. De lá, se eleva a uma região mais alta, onde forma um grande receptáculo por seus quatro braços que se estendem sem obstáculo, parecendo tocar os quatro pontos cardeais do espaço universal e, portando, os frutos da ação única que se opera no centro deste receptáculo pelo homem-Deus, que morre sobre este centro, para realizar a Reparação. O que nos faz facilmente conceber os

imensos e prodigiosos resultados que a ação todo-poderosa do Verbo de Deus, unido a Jesus morrendo sobre a Cruz, operou sobre a Natureza inteira visível e invisível, espiritual e corporal, que eram testemunhos e objetos da Reparação.

Esta Cruz dividindo, figurativamente, com seus quatro braços em quatro partes o espaço criado, relembra claramente as quatro regiões celestiais que foram o primeiro domínio do homem no seu estado de pureza e de inocência. Como o centro sobre o qual o Divino Reparador expira, recordamos este centro das regiões, este paraíso terrestre que foi a sede de sua glória e a sua dominação que manchou, pelo seu crime, e do qual foi vergonhosamente expulso para sempre. Contudo, o glorioso destino deste lugar de delícias não foi totalmente destruído: A Justiça divina satisfez-se, então, de estabelecer uma guarda “armada de espada de fogo” para defender sua entrada. Mas, o homem-Deus que satisfez plenamente, pela sua submissão e pela sua morte, a Justiça divina, é deste centro de dor e de ignomínia que ressuscita gloriosamente, e triunfando na sua humanidade, reabilita o homem e toda sua posteridade no direito primitivo de poder habitar ainda o centro destas regiões celestiais. Ele o purifica e o santifica outra vez para dispô-lo tornar-se o lugar de descanso e de paz onde as almas justas, após terem sido purificadas e reconciliadas, irão esperar na sombra da grande luz, cujo gozo pleno é-lhes assegurado, o fim dos tempos, o instante afortunado onde as barreiras do espaço, estando rompidas, irão todas juntas até o Divino Redentor para receber o prêmio inefável da redenção que será a sua eterna, absoluta e inalterável beatitude.

Que profundos mistérios! Que sublimes verdades recorda, por conseguinte, ao cristão o sinal tão respeitável da Cruz, sempre que, querendo pôr-se em presença do seu Criador e invocar Sua adorável Trindade, traça-o sobre si mesmo. No primeiro tempo deste sinal (movimento vertical do sinal da Cruz), aquele que o faz com o respeito e confiança necessários, se põe de coração e espírito na presença da Santíssima Trindade, invoca o Pai Todo Poderoso e recebe os salutares efeitos para si e para todos os que se propõe orar. Pelo segundo tempo (movimento horizontal do sinal da Cruz), invoca pelo pensamento o Amor e a Sabedoria do Filho e implora a sua Misericórdia. Pelo terceiro tempo, pede a Luz divina cuja necessidade sente, para dirigir-lhe e os dons espirituais dos quais o Espírito Santo é o distribuidor. Por último, o Amém que, com efeito, é o quarto tempo, pede a conhecer a Vontade Divina, lhe oferece o sacrifício diário da sua, pede às três potências que são apenas um só Deus, para ser reabilitado na sua potência quaternária original, e em poder ainda recolher alguns frutos. Como se fez, portanto que um ato religioso tão expressivo, tão solene, para a maior parte dos cristãos quase não seja mais do que apenas um ato irrefletido de forma pura e habitual? E, contudo, o ingrato ousa ter pena de não ser satisfeito. Que procure a causa em si mesmo, e que se regenere. Cristãos, fracos e vacilantes meditem, portanto, sob o grande mistério da Cruz. Esta meditação vos fornecerá um alimento sólido que fortificará a vossa fé, reanimará o vosso amor e o vosso reconhecimento, e reafirmará as vossas mais valiosas esperanças.

FIM